

## CASOS DE BLAU, CONTOS DE ROMUALDO: UM GAÚCHO ÀS AVESSAS.

Juliana Santini  
FCLAr/UNESP-I.C.FAPESP

Dois célebres gaúchos povoam a literatura de João Simões Lopes Neto: de um lado, o velho Blau Nunes, vaqueano experiente, com a memória cingida pelas imagens de um tempo que se perdeu junto com a sua mocidade, no trotar do progresso; de outro, Romualdo, caixeiro viajante, homem da cidade que se aventura no campo e tece suas narrativas com exagero, criando um universo imaginário particular. No contexto da obra do autor pelotense, é quase impossível ouvir a voz de um narrador sem que ressoem os ecos das narrativas de outro, como duas imagens que se colocam lado a lado em figuras opostas, porém complementares. Tratar dos *Casos do Romualdo*<sup>1</sup> sem fazer referência aos *Contos gauchescos*<sup>2</sup> significa desconsiderar tanto o distanciamento de Romualdo em relação a Blau quanto o ponto de intersecção de seus caminhos.

O olhar é um dos pontos mais relevantes a serem observados no entendimento da literatura de João Simões, tanto no que diz respeito à instância que serve de estruturação aos diferentes níveis da diegese, quanto às projeções ideológica, ética e moral implicadas na escolha de um determinado ponto de vista; além de ser "um dos principais sentidos presentes na obra literária de Simões"<sup>3</sup>. Sob o signo do olhar, o narrador de *Contos gauchescos*, Blau Nunes, tece suas histórias por meio da rememoração do passado, costurado ao presente em imagens cujos contrastes marcam a transformação das estâncias. É também fitando aventuras do passado que Romualdo emoldura seus casos, exagero e fantasia, espaço em que se enovelam o real e o imaginário.

Esse olhar reconstrói, revive tempos e espaços. Metamorfoseado em palavra, cristaliza imagens do ambiente regional vivas apenas na memória do contador, fazendo da narrativa um

---

<sup>1</sup> LOPES NETO, João Simões. *Casos do Romualdo*. Porto Alegre: Globo, 1973.

<sup>2</sup> \_\_\_\_\_. *Contos gauchescos e Lendas do sul*. 3.ed. Porto Alegre: Globo, 1965.

<sup>3</sup> CHIAPINI, Lígia. *No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto*. São Paulo: Martins Fontes: 1987, p.19.

retrato, marcado pela impressão daquele que narra. Blau Nunes, narrador autodiegético, relata feitos vivenciados em um tempo distante do momento em que se encontra com o interlocutor citadino, criando uma lacuna temporal entre o presente da narração e o presente da matéria narrada, distância que insere o velho gaúcho nos traços de um quadro diferente daquele esboçado em suas histórias: "entre o Blau - moço, militar - e o Blau - velho, paisano -, ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações - casos, dizia -, que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende ao sol, para arejar, roupas guardadas no fundo de uma arca"<sup>4</sup>.

E é justamente essa lacuna temporal que separa o narrador de sua juventude, momento que viveu entre vaquejadas e as guerras cisplatinas. Enquanto protagonista de suas histórias, Blau Nunes não somente se diferencia de seu interlocutor pelo conhecimento adquirido ao longo de sua vida, como também assume uma função didática, já que se coloca como detentor de um saber que o outro não possui, ponte capaz de levar o jovem citadino a tempos e espaços distantes.

Segundo Flávio Loureiro Chaves<sup>5</sup>, Blau Nunes teria nascido por volta de 1817 e, com oitenta e oito anos, teceria suas histórias já no início do século XX, por volta de 1905. O cálculo do crítico auxilia na revelação de parte da trajetória de Blau e permite que sejam reorganizadas de maneira cronológica as referências imersas em suas narrativas. Blau Nunes viveu em tempos de transformações, viu a divisão do território em sesmarias, participou de batalhas pela defesa de fronteiras, lutando na Guerra das Missões, na Guerra dos Farrapos, na Guerra do Rosas e na Guerra do Paraguai. Vaqueano e soldado, guarda na memória traços dos fatos mais importantes na história do Rio Grande do Sul, passando pela abolição da escravatura e pela Proclamação da República, até chegar a um tempo de organização diversa, marcado pela urbanização, espaço que não oferecia mais atrativos para o espírito guerreiro do velho gaúcho. Perdido na velocidade do

---

<sup>4</sup> LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e Lendas do sul*. 3.ed. Porto Alegre: Globo, 1965, p.4.

<sup>5</sup> Apud Chiappini, Lígia. *João Simeão Lopes Blau ou A arte de ser Zaoris*. In: SCHWARZ, Roberto. (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.93.

século XX, o contador vê o passado sendo estilhaçado por transformações vertiginosamente rápidas e costura, com os fios de suas narrativas, os fragmentos de uma vida de glória, tecendo com melancolia imagens quase perdidas.

Se o velho narrador de *Contos gauchescos* carrega no olhar a tristeza de quem viu se esvaír um tempo de glórias e conquistas, o esperto Romualdo, em *Casos do Romualdo*, deixa a nostalgia de lado e se embrenha por um caminho de exageros e invenções. O gaúcho matreiro pertenceu a outra geração que, embora tenha servido na Guerra do Paraguai (1864-1870), não participou das principais batalhas cisplatinas, o que o afasta do ideal bélico de que se imbui o relato de Blau. Romualdo faz parte de um tempo de paz, menos sangrento do que amigável. Nascido na cidade, não viu a divisão gradativa do campo nem a transformação dos meios de produção, intensificada a partir do início do século XX.

Romualdo não fita o passado de glórias do gaúcho com a profundidade de Blau, pois não sofreu o mesmo deslocamento que o velho tapejara: cidadão, homem do comércio, o contador matreiro lança outro olhar sobre o ambiente regional e, embora compense com invenções mirabolantes os movimentos que não cabiam no espaço da cidade agitada, não é por meio de nostalgia ou de contrastes entre o presente e o passado que critica os traços dos novos tempos. Aliás, o tom crítico que sutilmente se esboça no livro de 1914 decorre mais da comicidade do que de qualquer outro recurso, lançando-se principalmente em direção ao incentivo à imigração estrangeira, estimulada no final do século XIX.

De fato, os *Casos do Romualdo* concretizam uma tendência que já começa a se exibir em *Contos gauchescos*, fazendo dela um dos pontos de principal sustentação da narrativa: a criação de uma imagem risível do estrangeiro. No discurso de Blau Nunes, a figura do imigrante castelhano é alvo de rebaixamento, enquanto o gaúcho revela-se como mais inteligente, capaz de ludibriar o outro, revertendo sua suposta esperteza na causa de seu fracasso, como no caso "Deve

um queijo!", em que o velho Lessa obrigou um castelhano, que tentava comer queijo sem pagar a conta, a se empanturrar e sair da venda com os olhos arregalados. Se em *Contos gauchescos* a comicidade desponta uma crítica ainda sutil ao comportamento do estrangeiro, que se empenha em tirar vantagem de todas as circunstâncias, mais pungente é o ataque feito pelo relato de Blau, que não só aponta a malandragem do castelhano como também atribui a ele a responsabilidade por mudar os passos do gaúcho.

Menos sutil, o riso que se cria em relação ao estrangeiro nos *Casos do Romualdo* promove o rebaixamento da imagem do imigrante por meio da deformação dos traços que compõem sua identidade: além de representarem um obstáculo, o alemão, o castelhano e o italiano são vistos também como o "outro", diferente tanto nos contornos físicos quanto no comportamento, atacado justamente por parecer uma ameaça. A língua do imigrante italiano é distorcida pelo relato de Romualdo que, para tratar do diálogo que teve com Domenico - um comerciante que servia lingüiças feitas a partir da tripa de cachorros -, mistura à língua portuguesa os principais traços sonoros do idioma italiano: "- La casa é di pali a pique, barreata ..."<sup>6</sup>.

Para Bergson<sup>7</sup>, uma das manifestações do cômico na linguagem decorre da inserção de expressões absurdas ou desconexas em frases conhecidas, que podem ser tomadas como um modelo. Nesse sentido, assim como acontece com a fala do castelhano e do alemão, a comicidade decorre de uma falta de maleabilidade do estrangeiro no trato com o idioma do gaúcho, tornando o imigrante objeto de riso por meio de um processo metonímico que enfatiza a interferência, mecânica, de sua língua de origem na articulação da língua portuguesa, que passa a ser vista como um modelo transgredido. Reforça-se, portanto, a idéia de que o exagero das histórias fantasiosas de Romualdo funciona como um meio que possibilita ao gaúcho impor-se ante a

---

<sup>6</sup> LOPES NETO, João Simões. *Casos do Romualdo*. Porto Alegre: Globo, 1973, p.130.

<sup>7</sup> BERGSON, Henri. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

figura do imigrante, principalmente, quando se leva em consideração o fato de que o riso de rebaixamento, nessas narrativas, decorre de um olhar - o do próprio gaúcho - que enfoca e avulta os traços mais salientes na imagem do outro: a língua, a diferença no porte físico, a manutenção de costumes tradicionalmente europeus, o nível cultural mais elevado<sup>8</sup>.

Malgrado o ataque, Romualdo não consegue impor-se ante a figura do imigrante, como acontece com Blau Nunes, já que também a esperteza do contador é desmascarada em seus movimentos atrapalhados, desvelando suas fraquezas no exagero de suas histórias. Sob esse aspecto, o exagero cômico coloca-se como importante ponto de diferenciação entre os dois textos em questão, não apenas por atribuir um tom risível aos *Casos do Romualdo* mas também por promover a desmistificação do gaúcho, revelando os defeitos e instabilidades de um tipo que tenta se firmar.

Desenha-se, assim, uma nova oposição: enquanto Blau Nunes exibe-se como um representante do "genuíno tipo - crioulo - rio-grandense", dotado de força, coragem e honra, Romualdo não hesita em fazer uso de manobras fantasiosas para se impor e, como tem consciência das situações inusitadas que povoam seu discurso, utiliza-se da condição de protagonista dos fatos na tentativa de garantir o estatuto de verdade de seus "causos". Essa diferença de tom entre os dois contadores projeta um rastro de desnudamento na literatura de João Simões Lopes Neto; enquanto o velho Blau pode ser visto como a representação da decadência do mito do gaúcho, o matreiro Romualdo seria a sua inversão paródica, revelando também o desgaste dessa imagem

Se o olhar dos contadores de João Simões ilumina algumas tensões que envolviam a sociedade na época em que os textos foram produzidos - a industrialização, a nova organização

---

<sup>8</sup> RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.436.

política e econômica do Brasil e, principalmente, a crescente marginalização do homem do campo -, a voz evoca ainda a problemática do fazer artístico, envolvendo a composição e a transmissão da narrativa oral. Tanto Blau Nunes quanto Romualdo são narradores tradicionais, que se embrenham na memória e tecem suas histórias a partir da experiência vivida, tingindo seus "causos" com cores locais, elementos que compõem o folclore da região em que viveram. Representado como oral, o discurso dos contadores entrelaça-se nos liames da fala popular, trazendo para o texto literário elementos do imaginário rio-grandense e os movimentos de narradores eloquentes, impulsionados pelo olhar atento de ouvintes que não deixam de ser, também, aprendizes.

Embora Romualdo e Blau Nunes tracejem a retomada e a conseqüente valbrização da narrativa tradicional, é por meio de recursos diferentes que João Simões os apresenta ao leitor. Ao velho Blau, a voz é concedida por um narrador não nomeado, que o apresenta a um interlocutor mais jovem e citadino em tom de louvação, utilizando-se de uma metáfora de domínio natural para ilustrar as qualidades do tapejara: "Fazia-me ele a impressão de um perene tarumã verdejante, rijo para o machado e para o raio, e abrigando dentro do tronco cernoso enxames de abelhas, nos galhos ninhos de pombas..."<sup>9</sup>. A apresentação desse narrador inicia-se e se encerra com uma ambigüidade, já que se dirige ao interlocutor por meio do vocativo "patrício", que pode também se projetar para o próprio leitor, estendendo a abrangência dos conselhos de Blau a um nível que ultrapassa as fronteiras da narrativa.

Sob esse aspecto, quando cede a palavra ao contador e adverte seu interlocutor para que escute as aventuras a serem tecidas por ele, esse narrador insere as histórias no domínio da palavra falada, como se desprezasse o espaço fechado da folha escrita e optasse pela dinamicidade da história que passa de boca em boca. Essa escolha pela oralidade convida o leitor

---

<sup>9</sup> LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e Lendas do sul*. 3.ed. Porto Alegre: Globo, 1965, p.4.

a adentrar em um universo construído por exclamações, interjeições, expressões típicas da conversação oral e mesmo cantigas populares, que se articulam com a narrativa dos "causos" revelando traços psicológicos do contador, sempre cingido pela dor da saudade.

Nesses labirintos da recordação, tanto o interlocutor intradieгético quanto o próprio leitor assumem o papel de aprendizes, de modo que ao gaúcho fica reservada a função de fazer da vida um conselho. Essa relação mestre-aprendiz envolve o velho tapejara em uma atmosfera de respeito e admiração, suscitando no leitor certa simpatia pela imagem do velho gaúcho, que tenta reunir os estilhaços do tempo e transita entre o presente e o passado pelo fio da memória, ponte imaginária que o leva a reviver suas aventuras em cada nova conversa.

Enquanto o narrador não nomeado de *Contos gauchescos* mergulha o leitor no domínio da oralidade e o envolve em uma empolgante conversa, o espaço da escrita serve de substrato e veículo aos *Casos do Romualdo*. Os "causos" foram transcritos por um padre anônimo e entregues a um narrador-editor, que descreve a ocasião em que recebeu o pacote contendo tais manuscritos e os apresenta ao leitor. É claro que esses dois recursos instauram uma diferença qualitativa entre os textos: de um lado, o posicionamento de Blau ante a seu interlocutor representa a própria narrativa oral, sem um ponto de intermédio - exceto o narrador não nomeado - entre a forma tradicional e o leitor; de outro, o compêndio dos "causos" cristaliza as histórias no espaço do papel e não transfere aquele que lê para a circunstância da narração, pelo contrário, deixa clara a sua posição diante da matéria que foi transcrita.

Com a construção de um personagem que transcreve as histórias do contador, João Simões Lopes Neto consegue diluir, em *Casos do Romualdo*, o aparente paradoxo que se desenha em *Contos gauchescos*, texto que apresenta e valoriza, por meio da palavra escrita, a narrativa oral. Assim, nos *Casos do Romualdo* a forma tradicional de narrar percorre uma trajetória diferente daquela traçada pelas histórias de Blau Nunes, deixando sua forma original para chegar até o

leitor por meio de um compêndio escrito. E esse percurso se faz de maneira consciente, já que o próprio narrador-editor, quando apresenta os casos, faz questão de enfatizar o que se perdeu de vibração e eloquência, tecendo ainda um apelo para que o leitor utilize a essência dessas histórias em futuras conversas, devolvendo a elas sua maleabilidade natural. Além disso, o intuito de manter viva a tradição dos "causos" contados por Romualdo aparece estampado já nos dizeres que intitulam o manuscrito, de certa forma antecipando a matéria que o compõe: "CASOS DO ROMUALDO *subsídio para as suas esperadas memórias póstumas, caso nestas esqueça aqueles*"<sup>10</sup>.

Nesse ponto, olhar e voz fundem-se na tentativa de não apagar as imagens de um espaço em vertiginosa transformação: nos olhares que se voltam para o passado, nas vozes que entoam e revivem o que está quase perdido, permanecem traçados os elementos da cultura popular rio-grandense, material trabalhado em toda a literatura do autor pelotense. O contador revive em sua fala os vazios deixados pela história e compensa a carência do presente no universo de fantasia em que se envolve cada "causo" tecido, "uma fala que, feito cobra, morde sempre a própria cauda, discurso de avanços e recuos, correções e negações do já dito, re-vivência do passado no presente do narrador"<sup>11</sup>.

Se a nostalgia dos casos narrados por Blau retoma um universo que foi transformado e revela, por contraste, a carência e o deslocamento do gaúcho no início do século XX, o exagero das histórias de Romualdo desnuda as fraquezas de um homem que tenta se impor ante o outro e revela sua necessidade de neutralizar, no plano da imaginação, as tensões que envolviam o habitante das novas cidades, vivendo no limiar de dois espaços, tempos entretecidos. A comicidade oferece-se como um elemento revelador dessa instabilidade e desmistifica a figura do

---

<sup>10</sup> LOPES NETO, João Simões. *Casos do Romualdo*. Porto Alegre: Globo, 1973, p.15.

<sup>11</sup> CHIAPPINI, Ligia. João Simão Lopes Blau ou A arte de ser Zaoris. In: SCHWARZ, Roberto. (Org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.98.



gaúcho-forte-e-corajoso, separando o adjetivo do substantivo sem, no entanto, rebaixar sua imagem: o riso de acolhida afaga e suscita a simpatia do leitor em relação ao contador matreiro, de modo que sua tagarelice exacerbada acaba diluída "por um sentido de afetuosa cordialidade"<sup>12</sup>.

De fato, o cômico apresenta-se como um recurso produtivo das formas de arte no período que se iniciou com a Abolição e a Proclamação da República e se estendeu ao longo das primeiras décadas do século XX, principalmente no que diz respeito à relação estreita que estabelece com o desnudamento de defeitos, o deslocamento, a instabilidade e a tentativa de recomposição de significados: "o cômico correspondia à busca de uma singular e peculiar forma de representação, pois como representar e simbolizar a vida privada e individual no interior daquela *comunidade imaginada* chamada Brasil?"<sup>13</sup>.

Ao que parece, João Simões soube fazer uso do riso na construção de personagens - timidamente ainda, em *Contos gauchescos*, e de maneira mais elaborada em *Casos do Romualdo* - que não somente constituem uma figura-tipo do gaúcho, mas também revelam e criticam o esmagamento do indivíduo pelo progresso. No capítulo final de sua tese de livre-docência, Ligia Chiappini discute o papel do riso na obra de João Simões e o relaciona ao espírito de questionamento que começa a despontar na literatura de alguns autores do início do século XX:

Talvez a opção pelo riso tenha a ver com o momento de transição que vive Simões Lopes, chamado ambigualmente de pré-modernismo. Ele produziu como viveu, sob o signo do entre: entre o campo e a cidade, entre o culto e o letrado, entre o lírico, o épico e o dramático, entre o novo e o velho, entre dois séculos e - por que não? - entre o sério e o cômico.<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> PROPP, Vladimir. *Comichidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992. p.153.

<sup>13</sup> SALIBA, Elias Tomé. *A dimensão cômica da vida privada na República*. In.: NOVAIS, Fernando A. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. vol.3. p.297.

<sup>14</sup> CHIAPPINI, Ligia. *No entretanto dos tempos: literatura e história em João Simões Lopes Neto*. São Paulo: Martins Fontes, 1987, p.410.

Se o "signo do entre" rege a obra de João Simões, não apenas o caráter risível dos *Casos do Romualdo* explica-se na afirmação da autora como também certa tendência à constatação crítica - presente também em *Contos gauchescos* - parece justificar-se. Sob esse aspecto, a literatura do autor anteciparia - não somente no sentido reducionista que o prefixo "pré" atribui aos autores de sua época - questionamentos semelhantes àqueles que impulsionaram tanto os textos de alguns autores que inauguraram o Modernismo no Brasil, quanto a produção que cabe à geração modernista da década de 30, principalmente no que diz respeito ao trabalho consciente de pesquisa sobre as particularidades do espaço e da cultura regionais e à crítica lançada - mesmo que de maneira mais sutil - em direção à situação marginal do homem do campo.

Ao leitor, cabem as tarefas de ouvir os casos de Blau e de se embrenhar nas histórias de Romualdo, caminhando sobre a fronteira de dois mundos, embarcando na nostalgia de um e nos exageros do outro. Aedos que regam suas narrativas com o sabor amargo do mate, os dois contadores caminham em direções diferentes mas se cruzam na mesma conversa ao pé do fogo e, nesse jogo de encontros e divergências, enovelam-se em uma teia de desnudamento, nostalgia, instabilidade e afirmação. Entretecendo vida e imaginação, cada um deles, a seu modo, inova a existência nas teias da história inventada: não mais vida porque fragmento, a memória se refaz a cada "causo" contado com pesar ou exagero. Nesse eterno renovar, narrar é recontar ou "raccontare": cada conto, um novo ponto, reencontro.